# Dia 6 — A Beata Coleta, Virgem

Nasceu Santa Coleta, reformadora da ordem de Santa Clara, em Corbie, lugar da Picardia, no ano de 1380. Foram seus pais de condição humilde, mas respeitáveis por sua conhecida probidade. Não tiveram mais que esta filha e não pouparam meio algum para educá-la bem. Lograram-se facilmente seus desvelos, porque encontraram nela um coração nascido para a virtude e uma alma prevenida desde o berço com as mais doces impressões da graça.

Desde a idade de quatro anos conheceu a Deus, e desde que o conheceu amou-o tão terna, tão fiel e tão constantemente que naquela devoção antecipada descobriam todos prognósticos infalíveis da eminente santidade a que com o tempo havia de subir. Nunca soube quais eram os entretenimentos das crianças; nunca experimentou quais eram seus defeitos. Seu único entretenimento era a oração; sua diversão, o retiro.

Já desde aquela tenra idade cobrou tão extraordinário amor aos desprezos e à penitência que não lhe podiam dar maior gosto que mortificá-la nem maior consolo que repreendê-la. Professou tão exata, tão severa e até tão escrupulosa pureza que, tendo ouvido celebrar em certa ocasião sua formosura, não omitiu indústria nem mortificação para desfigurá-la; e o conseguiu perfeitamente. Porque, com o empenho de uma rigorosíssima abstinência, de um jejum quase contínuo e das extraordinárias penitências com que atormentava seu virginal corpo, logrou apagar tanto a vivacidade formosa de sua tez e borrar tão de todo os delicados traços de suas belas perfeições que se transformou inteiramente; e pelo restante de sua vida conservou-se sempre pálida, magra, extenuada e macilenta.

Ao ruído que fez uma virtude tão extraordinária naquela tenra donzelinha, prevenida com tanta antecipação da divina graça, despertou logo a admiração e a veneração do público. Começou a voz do povo a não conhecê-la por outro nome que pelo de a bem-aventurada Coleta. As pessoas de maior distinção por seu nascimento, por seus empregos ou por suas virtudes concorriam a visitá-la e a encomendar-se em suas orações. Mas esta geral estima, tão contrária a sua inclinação e a sua profunda humildade, só serviu para inspirar-lhe o desejo de esconder-se em algum maior retiro. Resolvida a pôr-se a coberto das honras e das estimações humanas, julgou que poderia consegui-lo num convento de religiosas de Santa Clara, dos chamados mitigados, porque podem possuir rendas em virtude da bula de Urbano IV, que mitigou o rigor da primitiva regra.

Mas esta temperança do primitivo rigor ajustava-se pouco aos fervorosos alentos daquele espírito, que desde seus primeiros anos era conduzido por Deus aos elevados ápices da mais sublime perfeição. Assim, pois, por conselho de um venerável sacerdote, confessor seu, resolveu tomar o hábito da terceira ordem de penitência de São Francisco.

Como as que seguiam então este instituto não viviam em comunidade, porque ainda não havia conventos da ordem terceira e cada qual vivia em sua casa particular, nossa santa donzela, vestida já de hábito penitente, determinou apartar-se do comércio e do bulício do mundo para servir ao Senhor em maior retiro e também com maior liberdade. Encerrou-se, pois, numa cela que tinha comunicação com uma igreja, onde podia ouvir missa todos os dias e receber o sagrado corpo de nosso Senhor Jesus Cristo. Ali esteve reclusa por espaço de quatro anos, exercitando-se continuamente nas mais heroicas virtudes e quase unicamente alimentada com os frutos da penitência.

Jejuava toda a quaresma a pão e água, fazendo o mesmo no restante do ano muitos dias da semana. Não poucas vezes passava muitos dias sem outro alimento que o da sagrada eucaristia. Seu sono era de poucas horas, e sua cama, uns feixes de sarmentos estendidos sobre a dura terra. Trazia continuamente rente às carnes um áspero cilício. Sua oração era contínua; e, absorta sempre na contemplação mais elevada, bebia na mesma fonte aquela sabedoria sobrenatural, aquele sublime espírito que foi a admiração de seu século e a fazia tão celebrada no mundo sem sair do canto de seu retiro. Mas não a queria o Senhor tão escondida, e eram muito diferentes seus intentos.

Apesar do grande amor que professava à solidão, viu-se obrigada a render-se aos visíveis sinais que lhe deu o Senhor de ser vontade sua que saísse dela para dedicar-se à reforma das religiosas de Santa Clara.

Meditava um dia nos meios de que se valeria para agradar particularmente a seu celestial Esposo quando, arrebatada em êxtase, lhe foi dado a conhecer o lastimoso estado das pessoas religiosas que, relaxando-se nas regras de sua profissão, faziam pouco caso de desempenhar com exatidão e com fervor as obrigações de seu instituto, descobrindo-se-lhe ao mesmo tempo o rigor das penas a que seriam condenadas. Derramava Coleta copiosos raudais de lágrimas em força da vivíssima dor que lhe causou esta representação quando lhe pareceu ver a santíssima Virgem e o patriarca São Francisco, que, tomando-a pela mão, a propunham ou a apresentavam a Jesus Cristo como instrumento muito proporcionado para ressuscitar o espírito do instituto entre as religiosas franciscanas, que mal observavam já a primitiva regra.

Embora nossa santa donzela tivesse um ardentíssimo desejo de ver renovado o antigo fervor entre suas irmãs, não podia resolver-se a empreender por si mesma esta reforma. Via com dor que todos os mosteiros de Santa Clara haviam decaído inteiramente de seu primitivo rigor e que mal conservavam as filhas o nome de sua esclarecida mãe; mas o título de reformadora e de superiora assustava sua modéstia e detinha seu zelo. Não podia persuadir-se, em força de sua humildade, de que quisesse Deus valer-se de uma criatura tão vil e tão imperfeita, segundo ela dizia, para reformar as outras; e, embora no mais fosse rendidíssima a seu confessor, neste ponto não lhe foi possível vencer-se, até que, vendo-se de repente muda e cega em castigo de sua resistência, como lho haviam prognosticado, conhecendo já claramente a vontade do Senhor, rendeu-se enfim, e no instante recobrou a vista e a fala.

Animada com tão visível prova da vontade do céu, assistida dos prudentes conselhos de um grande servo de Deus da ordem de São Francisco, chamado frei Henrique de la Baume, e ajudada

com os socorros que lhe deu a piedosa senhora de Brisay, saiu de seu retiro e, encaminhando-se a Nice de Provença, foi buscar a Bento XIII, a quem ela reconhecia por legítimo pontífice, como o reconhecia então a maior parte da França. Foi recebida com muita estima e com singular benevolência. Suplicou-lhe que lhe desse licença para tomar o hábito de Santa Clara e para observar a primitiva regra à letra, sem lenitivo nem modificação, como também para empreender sob sua suprema autoridade a reforma de todos os conventos da ordem; entendendo-se isto com os que voluntariamente quisessem abraçá-la, sem precisar nem compelir pessoa alguma a sua observância.

Este último ponto padeceu a princípio terríveis dificuldades; mas, tendo morrido em brevíssimo tempo todos os que faziam maior contradição, arrebatados da peste que à sazão causava grandes estragos, concedeu-lhe Bento tudo quanto lhe pedia, nomeou-a abadessa e superiora geral de todos os conventos da ordem de Santa Clara e, tendo ele mesmo recebido seus votos, deu-lhe o véu.

Sempre estão expostas a grandes contradições as obras de Deus. Apenas falou de reforma nossa santa, viu amotinada contra si toda a terra. Tratavam-na de orgulhosa, de hipócrita, de iludida. Foi tão desfeita a tormenta que se levantou na França contra ela, tanta a oposição que fizeram até os que mais deveriam defendê-la, que se viu obrigada a retirar-se à Saboia, onde, com a proteção do senhor de la Baume, irmão de seu confessor, em poucos meses logrou o consolo de ver alistado debaixo de sua santa regra grande número de ternas e fervorosas donzelas.

Não tardou em comunicar-se desde a Saboia à Borgonha a estreitíssima reforma, gloriando-se o convento de Besançon de ser o primeiro que abraçou o rigor deste sagrado instituto. Desde a Borgonha voltou à França a nova reformadora; e, acalmada já a primeira tempestade, fez no reino maravilhosos progressos; estendeu-se depois até os Países Baixos e dilatou-se até mais além das margens do Reno, até o outro lado dos Alpes e até deixar às costas as elevados cumes dos Pireneus.

Não contente com os muitos conventos antigos que reduziu à primitiva regra, fundou por si mesma dezoito novos com o título de Clarissas pobres, pela evangélica pobreza que se observava neles. Os dissabores, as mortificações, os trabalhos que custaria a nossa santa introduzir a reforma, especialmente nos conventos antigos, onde a relaxação presumia de costume, é fácil discorrê-lo. Deram-lhe muito que padecer os seculares, os religiosos e até os próprios prelados; mas tudo padeceu com heroico sofrimento, devendo a este, a seu aprazível modo e a sua constante perseverança o sair-se bem de tudo.

Desta maneira se fundou e se propagou por toda a Europa, ainda em vida de Coleta, a famosa reforma, que foi como segundo nascimento da religião de Santa Clara, segundo o verdadeiro espírito de seu primitivo instituto. Conserva-se hoje em todo o seu vigor, e por ela se veem ressuscitados nestes últimos tempos aqueles grandes modelos de perfeição, aqueles insignes exemplares de inocência, de fervor e de humildade, aqueles milagres de penitência, de abnegação própria e de total desapego de todas as coisas, que admiramos tanto nos séculos mais retirados e que hoje vemos com assombro renovados em tantas nobilíssimas donzelas que, sem reparar na ternura da idade, na delicadeza da compleição nem no regalo com que foram criadas, observam

severissimamente a primitiva regra de Santa Clara e, sepultadas num obscuro retiro, tornam-se invisíveis às criaturas, aspirando unicamente a que as vejam os olhos do Criador. Naquela ditosa solidão ganham cada dia novos méritos, adquirindo novas virtudes; e, merecendo para os povos mil bênçãos do céu, são a edificação e as delícias da Igreja. Isto é o que em parte se deve ao zelo, aos suores e à eminente virtude de nossa Santa Coleta.

Quarenta anos fazia que estava trabalhando com assombroso fruto em fundar por todas as partes novas colônias de almas verdadeiramente seráficas quando o Senhor lhe deu a entender que se ia aproximando o fim de sua ditosa carreira. Preveniu-se para o último lance fazendo os maiores esforços para renovar seu fervor; e, tendo recebido com extraordinária devoção os sacramentos, rendeu docemente o espírito nas mãos de seu Criador, em Gante, cidade de Flandres, no dia seis de março do ano mil quatrocentos e quarenta e seis, aos sessenta e seis de sua idade, deixando suas filhas tão edificadas de suas heroicas virtudes como aflitas por sua dolorosa ausência. Ilustrou Deus em vida a santidade de sua serva com o dom de profecia e em morte a declarou com a graça dos milagres. Beatificou-a o papa Sisto IV por um oráculo de viva voz, e Urbano VIII deu licença para que se celebrasse sua festa em toda a religião de São Francisco. Cada dia opera o Senhor novos milagres no sepulcro de sua serva. Tendo-se aberto no ano de mil quinhentos e trinta e seis, por ordem e na presença do bispo de Sarepta, sufragâneo do de Tournai, observou o prelado, e fê-lo observar também aos circunstantes, que, destilando água a abóbada por todas as partes, não caía uma só gota sobre as preciosas relíquias de Coleta; e o pano de damasco branco em que estavam envoltas achou-se tão inteiro e quase tão novo como no dia em que se pôs.

# Martirológio Romano

Em Nicomédia, o trânsito dos santos mártires Vítor e Vitoriano, os quais, atormentados durante três anos com muitos tormentos, em companhia de Cláudiano e de Basa, sua mulher, acabaram o curso de sua vida metidos numa prisão.

Em Tortona, São Marciano, bispo e mártir, o qual recebeu a coroa do martírio defendendo a fé de Jesus Cristo, no tempo de Trajano.

Em Constantinopla, São Evágrio, o qual, no tempo de Valente, foi eleito bispo pelos católicos e, tendo-o desterrado o imperador, acabou sua vida no desterro.

Em Chipre, São Cônon, mártir, ao qual, no tempo do imperador Décio, obrigaram a correr diante de um carro com os pés traspassados de cravos e, caindo de joelhos, posto em oração entregou sua alma ao Criador.

Além disso, o triunfo de quarenta e dois mártires, os quais foram presos em Amório e enviados à Síria e, tendo pelejado gloriosamente por causa da fé, vitoriosos conseguiram a palma do martírio.

Em Bolonha, São Basílio, bispo, o qual foi consagrado pelo papa São Silvestre e governou santamente aquela igreja com seu exemplo e doutrina.

Em Barcelona, na Espanha, São Olegário, primeiramente cônego e depois bispo daquela cidade e arcebispo de Tarragona.

Em Gante de Flandres, Santa Coleta, virgem, a qual observou primeiramente a regra da ordem terceira de São Francisco; e depois, por impulso do Espírito Santo, restabeleceu a primitiva regra em vários conventos de Santa Clara. Fizeram-na ilustre suas admiráveis virtudes e seus numerosos milagres. Foi canonizada pelo papa Pio VII.

# Missa (oração)

A missa que se celebra em toda a religião seráfica é em honra da santa, e a oração da missa é a que se segue:

> **Latim:** *Domine Jesu Christe, qui beatam Coletam sponsam tuam innumeris dotibus decorasti: tribue, quæsumus, ut quo spiritu Seraphicam regulam pristinæ puritati restituit, eodem interius reformari mereamur. Qui vivis et regnas...*

**Português:** Senhor meu Jesus Cristo, que vos dignastes adornar vossa serva a bem-aventurada Coleta com inumeráveis dons e graças celestiais, suplicamo-vos que nos concedais que cada um de nós se reforme interiormente com aquele mesmo espírito com que esta vossa serva reformou e restituiu a regra seráfica a seu primitivo fervor. E vo-lo pedimos a vós que viveis e reinais...

# Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios.

**2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2**

> **Latim:** [17] Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. [18] Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. [1] Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : [2] æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

**Português:** [17] Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. [18] Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. [1] OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: [2] porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

# Nota

«Achando-se São Paulo na Macedônia, veio a ela desde Corinto seu amado discípulo Timóteo e, sabendo por ele o que se passava entre os fiéis daquela cidade, a quem no ano precedente havia escrito sua primeira epístola, escreveu-lhes no de cinquenta e sete de Cristo esta segunda, em que opõe sua vocação, seus dons, seus trabalhos, suas revelações e seu desinteresse aos vãos dons de que se gloriavam certos embusteiros que se haviam arrogado entre os coríntios o título de apóstolos.»

# Reflexões

É necedade, é loucura fazer vaidade de umas prendas que deixam de se ter desde o mesmo ponto em que começam a ostentar-se. Não há coisa mais desprezível e, de ordinário, tampouco a há mais desprezada que um homem vão. A vaidade não só não dá mérito, mas tira o que se tem. Faça-se embora a mais bela ação do mundo; já deixa de ser louvável logo que se faz por vaidade. O louvar-se a si mesmo não só é prova nada equívoca de pouca virtude, mas de pouco entendimento. Os menos favorecidos da natureza e da graça formam sempre não sei que ideia de preferência e de distinção, que é o objeto de sua presunção e de sua complacência, e atribuem à malignidade e à inveja o pouco caso que se faz de seu sonhado mérito e de sua imaginária virtude. As almas grandes, os homens de mérito extraordinário estimam-se pouco e louvam-se menos. É a modéstia inseparável da virtude verdadeira. Se os vãos soubessem bem o baixo conceito que se forma deles, não haveria meio mais eficaz para curar-lhes de raiz o orgulho; mas, quando o erro está igualmente apoderado do entendimento e do coração, é difícil a cura.

Embora São Paulo se achasse ricamente abastecido de dons sobrenaturais; embora tivesse sido arrebatado ao terceiro céu e ali se lhe tivessem revelado mistérios inexplicáveis, de que não é lícito ao homem falar; embora tivesse sido escolhido pelo mesmo Jesus Cristo para anunciar seu nome aos gentios, aos reis, aos filhos de Israel; embora suas maravilhas tivessem já enchido o mundo de admiração; com tudo isso, não havia homem mais humilde que São Paulo. Quem se estimava menos que ele? Eu, diz, sou o menor dos apóstolos, e até me reconheço indigno deste nome. Assim pensa, assim fala de si mesmo este grande santo. Os homens verdadeiramente apostólicos não sabem outra linguagem. É verdade que o mesmo apóstolo se viu obrigado a voltar por si, a fazer sua apologia, a refutar as calúnias que os falsos apóstolos haviam espalhado contra ele, procurando com elas desacreditá-lo na estima dos coríntios para estorvar os progressos do

Evangelho; mas com que modéstia, com que reserva, com que circunspecção, com que humildade o faz! Louva as graças e os dons sobrenaturais que havia recebido de Deus, mas não se louva a si mesmo. Temeroso de que mesmo nesta modesta lembrança se introduza insensivelmente algum orgulho, humilha-se no instante com a relação de suas misérias e de suas fraquezas. Não esqueçamos jamais este oráculo: *Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est: sed quem Deus commendat*: Não é recomendável o que se louva a si mesmo, mas o que merece que o louve Deus. Nossa alma, nosso corpo, nossa mesma razão, tudo concorre a humilhar-nos. Dentro de si mesmo tem o homem um manancial inesgotável de motivos para confundir-se; pois quando havemos de começar a ser humildes? Pode haver mais lastimosa loucura que o dissimular-se a si mesmo seus defeitos e estudar em não conhecer-se? Pode haver maior extravagância que a de fazer vaidade até das próprias humilhações? Deus meu, de que se ensoberbecerá o pó e a cinza? Oh, que néscia é nossa vaidade, pois ela mesma é o maior motivo para confundir-nos!

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

**Mateus 25,1-13**

> **Latim:** 1 Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. 2 Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : 3 sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : 4 prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. 5 Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. 6 Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. 7 Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. 8 Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. 9 Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. 10 Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. 11 Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. 12 At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. 13 Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

**Português:** 1 ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. 2 Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: 3 as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: 4 mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. 5 E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. 6 Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. 7 Então se levantárão todas aquellas

virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

# Meditação

*Que nada se deve omitir em ponto de salvação*

# Primeiro ponto

Considera que em matéria de salvação tudo é de consequência. Santas inspirações, conselhos saudáveis, regras para viver, frequência de sacramentos, boas obras, devoções, atos de religião, exercícios espirituais, mortificações; tudo é considerável, tudo é de preço. Nada disto se deixa sem perder algo. Toda frouxidão, todo descuido é perigoso.

É fatal erro não fazer caso senão das obrigações essenciais, contentar-se com os primeiros passos que se deram para a virtude, viver seguros à sombra de uma boa vontade e dormir tranquilamente ainda que nos estejam gritando que é necessário velar. Terrível exemplo temos na parábola das virgens néscias. Elas eram virgens. E que direito não podiam fundar neste nobre título para serem bem recebidas de seu celestial esposo? Saíram-lhe ao encontro: e em verdade que esta apressada demonstração de seu carinho não acreditava desamor nem indiferença. Fizeram quase tudo o que executaram as prudentes: esperaram insones o esposo até muito entrada a noite; tinham também suas lâmpadas como elas; só se descuidaram em fazer provisão de um pouco mais de azeite, por se acaso o esposo viesse algo mais tarde. Não parecia este grande descuido, e mais quando procuraram emendá-lo logo que o repararam; pois mal advertiram que suas lâmpadas se iam apagando, pediram cortesmente a suas companheiras que lhes emprestassem um pouco de azeite. Com tudo isso, que consequências tão funestas se seguiram de um descuido ao parecer tão leve! Saem de casa, voltam tarde e são reprovadas. Ó meu Deus, e que lições tão importantes, mas ao mesmo tempo que terríveis, as que nos apresenta este exemplo! Desprezam-se certas obrigações do estado; não se tem providência para o futuro; deixam-se de fazer a tempo certas provisões; faz-se pouco caso de certas virtudes; malogram-se certas inspirações; faz-se a conta de que haverá tempo para tudo. Cumpre-se na verdade decentemente com as obrigações essenciais de cristão; observam-se toleravelmente os votos substanciais da religião; guardam-se as regras que parecem mais importantes; com tudo isso, conhece-se bem que há muita necessidade de um pouco mais de observância, que é mister mais fervor, que fazem falta certas virtudes para que não se extinga de todo a caridade. Mas vive-se com a esperança de que a tudo se proverá; não se crê que venha tão depressa o esposo; há boa saúde; está-se ainda na flor da idade. Mas, oh desditosa negligência!,

um golpe imprevisto, um acidente repentino, uma enfermidade grave e perigosa advertem que o esposo está perto. Desperta-se com sobressalto do sono em que profundamente se dormia, fazem-se atropeladamente as diligências para recebê-lo. Mas será fácil fazê-las então bem? É aquele tempo oportuno para prevenir-se como se deve? Chora-se, geme-se, suspira-se, bate-se à porta; mas não é verossímil que se ouça então aquele terrível decreto: *nescio vos*, não vos conheço? Pois despreze-se agora a correção de certas faltas e de certos vícios; não se faça caso de adquirir certas virtudes.

# Segundo ponto

Considera quanta é nossa imprudência, ou, por melhor dizer, nossa necedade e loucura. Aplicam-se cuidadosamente todos os meios, e crê-se que a nenhum se deve perdoar quando se trata de um pleito, de uma compra, de uma pretensão, de qualquer outro negócio temporal; e no negócio essencial da salvação adormecemos, entorpecemo-nos, tudo se despreza.

Não ignoro quanta é a santidade de minha religião, quanta a multidão de meus deveres; sei muito bem o muito a que me obrigam os preceitos; estou inteirado da severidade de meu juiz e creio firmemente a eternidade; e em meio deste conhecimento, com toda esta fé, faço pouco caso das observâncias miúdas da lei! Contento-me com achar-me num estado de perfeição, mas sem aspirar a ser perfeito!

Consolo-me, tranquilizo-me com que outros não são mais fervorosos nem mais observantes que eu e dilato para o último da vida o adquirir as virtudes que me faltam!

Valha-me Deus! Que se teme? Teme-se acaso como grande inconveniente o começar a amar a Deus, o começar a dar-lhe gosto demasiadamente cedo, se logo que se advertem os defeitos, logo que se conhece a falta de fervor e de mortificação, se aplicam os meios eficazes para corrigir-nos? Ah, Senhor, e que cara nos sairá nossa negligência e nossa torpeza! Bem claro no-lo advertis; bastante expressamente no-lo ensina a parábola das virgens néscias. Oh, e quando havemos de começar a ser prudentes! Quão bem souberam aproveitar-se os santos da lição que o Salvador do mundo nos dá nesta parábola! Que diligência, que ansiosa pressa foi a sua para chegar a ser perfeitos!

Desde os quatro anos de sua idade começou a bem-aventurada Coleta, aquela virgem pura e inocente, começou, digo, a dar-se pressa em agradar a seu esposo, exercitando-se numa vida castíssima e na prática das mais admiráveis virtudes. Dir-se-á que foi excessiva a antecipação em prover o azeite para não se achar desprevenida quando viesse o esposo? Se viesse hoje, se viesse amanhã, não teria eu necessidade de ir buscar com que acender minha lâmpada? Achar-me-ia com bastante provisão? Estaria bem prevenido para recebê-lo?

Não permitais, Senhor, que sejam inúteis a minha alma estas reflexões, tornando-a menos desculpável por mais culpada. Conheço minha indigência e minha pouca virtude; esta falta é unicamente efeito de minha suma negligência; resolvido estou a vencê-la desde este mesmo ponto e a imitar em tudo as virgens prudentes.

# Jaculatórias

> *Portio mea, Domine, dixi, custodire legem tuam.* Sl 118.

Uma vez o disse e muitas o torno a repetir: Não quero, Senhor, mais emprego, mais ocupação nem mais herança que observar até os menores de vossos mandamentos.

> *Concupivit anima mea desiderare justificationes tuas in omni tempore.* Sl 118.

Toda a ânsia de minha alma é guardar em todo tempo vossa lei.

# Propósitos

1. São poucas as pessoas que não tenham muito que emendar em ponto de negligência no serviço de Deus; mas são muitas menos as que possam gloriar-se de ter bastante provisão de virtude. Pois a que aguardam para prover tão urgente necessidade? É tempo pouco oportuno de ir buscar o azeite quando o esposo está para vir; é má sazão para entrar em fervor quando as chamam a receber o salário. Desde o princípio deste ano estão-te repreendendo essa frouxidão, essa tibieza. Deus te solicita interior e exteriormente pelo que leste e pelo que estás lendo neste livro, para que mortifiques essa paixão; para que emendes essa falta, para que adquiras essa virtude, para que venças esse gênio, para que entabules aquela devoção, para que saias desse estado de tibieza; enfim, para que te reformes. Tu mesmo conheces a necessidade e até talvez todos os dias fazes propósitos de não dilatá-lo. Com tudo isso, já vão três meses, e talvez também seis anos, que, propondo cada dia reformar-te, todavia está por fazer a conversão. Seja hoje o fim dessas eternas dilações. Examina desde este mesmo momento que ofício, que obrigação de teu estado, que devoção, que boa obra deixaste de fazer por negligência; quais são as virtudes mais importantes ou necessárias que te faltam. Lê o plano de vida que te propuseste seguir. Como te dispões para receber os sacramentos? Fazes isso cada vez com mais fervor? Que fruto tiras de sua frequência? Não deixas muitas vezes a oração da manhã e o exame da noite? Visitas regularmente o santíssimo Sacramento? Quantas vezes deixas de rezar o rosário e faltas à leitura espiritual? Quanto te descuidas na educação de teus filhos e de tua família? Determina hoje mesmo o que em todos estes pontos deves fazer; e por cada falta impõe-te uma penitência que te doa ou dá uma boa esmola.

2. A origem da frouxidão nasce da tibieza no amor de Deus. Arde a lâmpada com luz lânguida e débil. Se se apaga, é porque lhe falta o azeite. Está quase extinto no coração este fogo celestial: de modo que não há que admirar que estejamos tão tíbios. É a caridade a medida do fervor. Pede hoje

a Deus esta importante virtude, sem a qual em vão se lisonjeará o homem de possuir as demais. Pede-a sobretudo por intercessão de São Francisco Xavier, cujo coração estava abrasado de caridade tão acesa que muitas vezes se via obrigado a suplicar a Deus que moderasse seus ardores. Este divino amor era móvel de quanto obrava; este o fazia um varão infatigável. Não há frouxidão, não há tibieza onde há amor de Deus.

**Oração para o terceiro dia da novena.**

«Glorioso São Francisco Xavier, a quem inflamou tanto o divino fogo de uma caridade viva e perfeita que muitas vezes te viste obrigado a rogar ao Senhor que moderasse seus celestiais ardores, consegue-me com tua intercessão a graça de que me abrase nesta mesma chama celestial e de que arda meu coração com aquele divino fogo que o Salvador veio acender na terra, desejando tanto que se pegue aos corações; e juntamente com esta caridade alcança-me de Deus a graça que particularmente te peço nesta novena, se é para maior glória sua e para salvação de minha alma. Amém.»

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:42 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:42 by Admin